

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO:  
UMA ANÁLISE PELO VIÉS DA SOCIOLINGUÍSTICA**

*Fernanda Luiz Cardoso* (IFES)

[nandalouisc@yahoo.com.br](mailto:nandalouisc@yahoo.com.br)

*Pricilla Gevigi de Andrade Magoni* (IFES)

[pri\\_gevigi@hotmail.com](mailto:pri_gevigi@hotmail.com)

**RESUMO**

Esta pesquisa desenvolve uma reflexão sobre a variação linguística nos livros didáticos da coleção “Geração Alpha Língua Portuguesa”, dos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), adotados pelas escolas públicas municipais e estaduais no município de Venda Nova do Imigrante, Espírito Santo. Tem como referencial teórico os conceitos da Sociolinguística (LABOV, 2008 [1972]) e da Sociolinguística Educacional Bortoni-Ricardo (2004; 2005). Com a realização do estudo, conclui-se que, na referida coleção, a variação linguística é pouco trabalhada e explorada, presente apenas nos livros destinados 6º e 9º anos, em uma concepção voltada a ideias antigas e pré-estabelecidas, além de métodos que incentivam a consolidação do conhecimento sobre a estruturação da gramática normativa, ao contrário do que propõe a BNCC.

**Palavras-chave:**

Variação. Sociolinguística. Livro didático.

**ABSTRACT**

This research disseminates a reflection on the linguistic variation in the textbooks of the “Geração Alpha Língua Portuguesa” collection, from the final years of elementary school (6<sup>th</sup> to 9<sup>th</sup> years), adopted by municipal and state public schools in Venda Nova do Imigrante, Espírito Holy. Its theoretical framework is based on the concepts of Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]) and Educational Sociolinguistics Bortoni-Ricardo (2004; 2005). With the completion of the study, it is concluded that, in the collection, linguistic variation is little explored and explored, present only in the books granted for the 6<sup>th</sup> and 9<sup>th</sup> years, in a conception focused on old and pre-available ideas, in addition to methods that encourage the consolidation of knowledge about the structuring of normative grammar, contrary to what the BNCC proposes.

**Keywords:**

Variation. Sociolinguistics. Textbook.

**1. Introdução**

O homem constrói e reconstrói sua relação com o outro e com o meio ambiente pela linguagem, o que demonstra a ligação entre língua e sociedade. À luz dessa ideia, na década de 60, surge a Sociolinguística

Variacionista, postulada por Labov (1972) para explicar que a língua sofre variações, conforme o grupo social que o falante participa.

Contudo, segundo Marcos Bagno (2006), a heterogeneidade linguística pode trazer estigmas, ou seja, julgamentos negativos de grupos sociais dominantes em relação aos oprimidos, destacando que, no Brasil, a maior parte do país faz parte desse grupo desfavorecido, que esse autor classifica como variedades estigmatizadas.

A Língua Portuguesa possui uma norma-padrão que exerce influência no imaginário dos brasileiros e possui ligação direta com o processo educacional. No Brasil, grande parte da população não consegue ter acesso à escola, apesar de muitos autores defenderem que ela deve ser preservada, como modelo linguístico de escrita padrão (BAGNO, 2001).

No entanto, o papel da escola é ajudar o aluno a entender a realidade da qual faz parte, sua estrutura, funcionamento, contradições e variedade, além das funções da língua como fator de comunicação social e de identidade coletiva e individual. No processo educacional, o livro didático é um suporte gratuito para o aluno nas escolas públicas, o qual auxilia o professor no processo de ensino e aprendizagem. Em específico, na disciplina de Língua Portuguesa, é necessário analisar se esse recurso didático está contribuindo com a diminuição ou extinção do preconceito linguístico presente na sociedade brasileira (COELHO, 2007).

Diante do exposto, esta pesquisa analisa a variação linguística no ambiente escolar de modo a discutir como tem sido trabalhado esse tema, além do preconceito linguístico ainda presente nas escolas. Para isso, descreve-se a abordagem da variação linguística no *corpus* do livro didático “Geração Alpha Língua Portuguesa do Ensino Fundamental: anos finais”, coleção dos autores Cibele Lopreste Costa e Greta Marchete da Editora SM.

Com intuito de alcançar esse objetivo, têm-se os seguintes objetivos específicos: i) averiguar como a variação linguística tem sido abordada no livro didático de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental; ii) entender o papel da escola em relação à diminuição do preconceito linguístico na sociedade; iii) examinar se as características e os elementos linguísticos das diversas regiões do país têm sido contemplados no livro didático de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental.

## **2. A variação linguística na base nacional comum curricular**

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC é a referência para composição do currículo dos sistemas de ensino brasileiros, com aprendizagens essenciais que todo educando precisa consolidar, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, buscando a formação humana integral, uma sociedade justa, democrática e inclusiva (BRASIL, 2017).

Sobre a variação linguística, a BNCC destaca que, com toda a diversidade cultural existente no Brasil, estima-se que: “(...) mais de 250 línguas são faladas no país – indígenas, de imigração, de sinais, crioulas e afro-brasileiras, além do português e de suas variedades” (BRASIL, 2017, p. 70). Contudo, esse patrimônio cultural e linguístico ainda é desconhecido por grande parcela da população brasileira, por isso cabe à escola: “(...) conhecer e valorizar essa diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos, como o preconceito linguístico” (BRASIL, 2017, p. 70).

Esse documento – norteador em articulação com as competências gerais da Educação Básica – traçou as 10 (dez) competências específicas de cada disciplina comum do currículo escolar. Para este estudo, destaque-se, em Língua Portuguesa, no Ensino Fundamental, a quinta competência: “Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceito linguístico.” (BRASIL, 2017, p. 87).

Diante disso, a BNCC organiza a aprendizagem de língua portuguesa em eixos: oralidade, leitura/escuta, produção e análise linguística/semiótica. Este último envolve também os conhecimentos linguísticos, mais especificamente o sistema da língua e a norma-padrão, com reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, como: “(...) valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado” (BRASIL, 2017, p.71).

No eixo análise de Análise Linguística/semiótica, no que se refere à variação linguística, a BNCC descreve as seguintes habilidades que precisam ser desenvolvidas para formação integral do estudante:

Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos; discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica. (BRASIL, 2017, p. 83)

### 3. Referencial teórico

#### 3.1. Sociolinguística

O Brasil é formado por uma vasta extensão territorial, o que explica as diversas variantes linguísticas presentes voltadas a fatores culturais, históricos, sociais e regionais. A língua padrão é o português; apesar de se falar esse idioma, o sujeito se expressa de forma diferente a depender do grupo no qual está incluído, da classe social, da região, entre outros fatores (Cf. NUNES; CAMPOS, 2010).

A variação linguística, segundo Belini e Sousa (2013), pode ser entendida como a expressão de diferentes modos de falar de uma mesma língua em um mesmo contexto e importância de verdade, em consequência da heterogeneidade existente, a qual reflete a diversidade de grupos sociais, que se caracteriza pelo uso das mesmas normas linguísticas.

De acordo com a Sociolinguística, em sua vertente “Teoria da Variação e Mudança Linguística”, proposta por Labov (2008 [1972]), as variações são fruto das mudanças do contexto social da comunidade que o falante faz parte, por isso a heterogeneidade deve ser considerada na composição estrutural da língua. Para Santos *et al.* (2015, p. 9): “(...) a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação”.

Nesse contexto, na concepção de Labov (2008 [1972]), não é possível entender a variação e mudança linguísticas sem relacioná-las à vida social da comunidade. Tal cenário leva ao estabelecimento de padrões linguísticos variáveis como reflexo da estrutura social em que o falante está inserido, ou seja, a classe social que o falante está implantado, fatores externos (sexo, etnia, idade, entre outros) e fatores internos/linguísticos (*status* informacional, paralelismo estrutural, entre outros) (Cf. COAN; FREITAG, 2010).

A escola precisa trabalhar a Sociolinguística, pois docentes e alunos devem estar cientes da existência de várias maneiras de se pronunciar a mesma coisa, sendo papel da escola incentivar a utilização criativa e competente do Português, contribuindo para o uso seguro da língua. Para Coan e Freitag (2010), no processo de aprendizagem, devem

ser trabalhados estilos monitorados, distinção entre variantes estigmatizadas, ações de alternância entre o vernáculo e a língua de prestígio, variação do processo interacional e a conscientização crítica quanto à relação da variação e da desigualdade social.

### **3.2. Sociolinguística Educacional**

A sociolinguística educacional promove um ensino que caracteriza a diversidade linguística como fruto das diferenças sociais, considerando que as variedades desprestigiadas não sejam as únicas a serem valorizadas, mas que também as normas gramáticas tradicionais não sejam classificadas como corretas. O aluno precisa compreender que em cada situação comunicacional, uma variedade de língua pode ser empregada. A título de exemplo, em uma proposta formal deve ser utilizado o português padrão, mesmo que a língua portuguesa sofra mudanças em consequência de fatores sociais, econômicos, regionais, históricos, etários e outros (Cf. OLIVEIRA; CYRANKA, 2013).

Na teoria, a função da Sociolinguística é refletir sobre os valores sociais de um grupo de pessoas ou comunidade de falantes, buscando compreender a estrutura da língua em relação às condições, como a situação social e cultural, ou condição culta e popular. No contexto educacional, quando se entende a diversidade linguística a partir do seu uso, desperta no estudante e professor a reflexão sobre a língua na teoria e prática, o que justifica a Sociolinguística e sua inserção no trabalho pedagógico.

A linguagem é formada a partir de vários papéis sociais, seu emprego depende do contexto de uso. Nesse sentido, ao redigir um documento, por exemplo, é utilizada a língua que se aproxima da formal, mas em conversa dentro dos grupos sociais são utilizadas variantes características da realidade a qual o falante pertence. Dessa forma, é nesse processo de interação que se compreende a diversidade linguística. Na escola não é diferente, a norma-padrão é trabalhada, mas na comunicação entre alunos e professores as variações linguísticas estão presentes por fazerem parte da identidade de cada um. Assim, para Bortoni-Ricardo (2004, p. 23): “Quando estamos usando a linguagem para nos comunicar, também estamos construindo e reforçando os papéis sociais próprios de cada domínio.”.

No processo educacional, o ensino de língua materna muitas vezes ignora a heterogeneidade linguística. Segundo Bortoni-Ricardo (2005 *apud* BELINI; SOUSA, 2013), a variação linguística é consequência da diversidade existente em cada comunidade e sua relação com as normas linguísticas. Por sua vez, a escola, os professores e o livro didático têm ignorado essa questão. Os docentes da disciplina de Língua Portuguesa limitam suas aulas à gramática normativa, no intuito de apenas “corrigir” o português avaliado como “errado”, sem refletir sobre sua prática enquanto agente social.

A variação linguística está presente em cada comunidade de fala. A Sociolinguística educacional contribui para demonstrar que a diversidade parte de fatores externos, como os aspectos socioculturais. Essa mesma variação linguística no contexto escolar e social, pela falta de conhecimento e maturidade, pode causar intolerância e preconceito linguístico. Com isso, os professores de língua portuguesa precisam realizar intervenções para desmistificar o conceito de certo ou errado, em situação comunicativa, uma vez que as pessoas não podem ser excluídas pelos elementos linguísticos, as quais empregam durante o processo de comunicação (Cf. SANTOS *et al.*, 2015).

A função da escola é auxiliar o aluno a entender a realidade linguística, em virtude das variantes sociais, regionais e situacionais. O livro didático como recurso distribuído gratuitamente aos alunos das escolas públicas, sendo a metodologia de ensino e aprendizagem mais utilizada pelos estudantes, possui a responsabilidade junto aos docentes de Língua Portuguesa, de promover não só o conhecimento da norma-padrão, mas também de conscientizar a importância da variação linguística para a sociedade, como fator de construção e reconstrução, diminuindo o preconceito linguístico (Cf. COELHO, 2007).

#### **4. Procedimentos metodológicos**

##### **4.1. O corpus de pesquisa**

O *corpus* de análise será a coleção de livro didático “Geração Alpha Língua Portuguesa”, do ensino fundamental: anos finais (6º ao 9º ano), dos autores Cibele Lopreste Costa e Greta Marchete da Editora SM-São Paulo.

Esse livro é utilizado nas escolas municipais e estaduais de Venda Nova do Imigrante – ES e foi enviado às instituições de ensino por meio do Fundo Nacional da Educação-FNDE pelo Ministério da Educação como parte do Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD), aprovado para ser utilizado nas escolas no período de 2020 a 2023.

#### **4.2. Etapas da pesquisa**

Na primeira etapa, realiza-se um levantamento bibliográfico para construção da revisão de literatura com a apresentação de estudos sobre a abordagem da variação linguística no livro didático.

Na segunda etapa, acontece a seleção do livro didático a ser analisado. A coleção “Geração Alpha Língua Portuguesa” foi escolhida por ser a obra utilizada nas escolas da rede estadual e municipal de Venda Nova do Imigrante, localidade que a autora desta pesquisa reside, o que facilita o processo de análise da obra.

Na terceira etapa, delimitam-se as páginas de estudo do referido livro para análise em que a temática desta pesquisa é contemplada, que são: no 6º ano, na Unidade 2 intitulada “Conto Popular”, há o 1º capítulo com o título “Língua em estudo – Variações Linguísticas: variedades regionais (páginas: 50 a 53)”. No 7º e 8º anos os livros não trazem nenhum capítulo ou abordagem sobre o tema variação e preconceito linguístico. Por fim, no 9º ano trabalha-se, na Unidade 5, o capítulo 1 “A língua na real: a concordância verbal e a variação linguística” (páginas 169); e na unidade 6, o capítulo 1 “A língua na real: a Regência verbal: norma e variações” (páginas 202 e 203).

Na quarta e última etapa, descrevem-se os resultados à luz dos principais conceitos da Sociolinguística (Cf. LABOV, 2008 [1972]) e da Sociolinguística Educacional (Cf. BORTONI-RICARDO, 2004-2005).

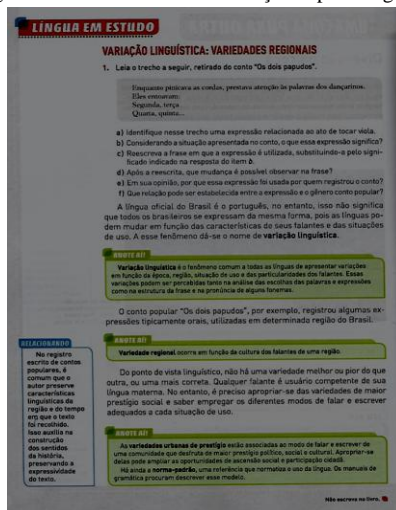
#### **5. Resultados**

A seguir, tem-se a análise descritiva da coleção “Geração Alpha Língua Portuguesa” como recurso pedagógico para os anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano), bem como a discussão dos resultados. Destaca-se que nos 7º e 8º anos, os livros não trazem nenhum capítulo ou abordagem sobre o tema variação e preconceito linguístico.

### **5.1. Análise de dados do livro didático: 6º ano**

No livro didático do 6º ano, da coleção “Geração Alpha Língua Portuguesa”, a variação linguística é trabalhada na Unidade 2 intitulada “Conto Popular”, em seu 1º capítulo com o título “Língua em estudo Variações Linguísticas: variedades regionais (páginas 50 a 53). Diante disso, a seguir, apresentam-se as imagens da primeira página analisada, que fazem referência às variedades regionais.

Figura 1: Variação linguística no livro didático “Geração Alpha Língua Portuguesa” 6º ano.



Fonte: Costa; Marchete (2018a, p.50).

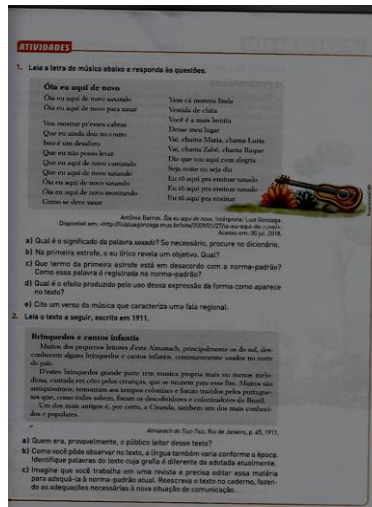
Na seção “Língua em estudo”, do livro didático do 6º ano do ensino fundamental, mais especificamente na página 50 apresentada na Figura 1, a variação linguística foi proposta com ênfase nas variedades regionais, fazendo referência ao conto “Os dois papudos”.

Na proposta de interpretação de texto, com perguntas direcionadas, busca-se incentivar a reflexão do aluno em relação a termos coloquiais, utilizados nas regiões rurais do país, como a expressão: “pionicava as cordas”, que na língua padrão significa “tocar o violão”. Os autores introduzem o assunto a partir do conto e sua interpretação, para explicar o conceito de variedade linguística, regional, urbanas de prestígio e norma-padrão.



A figura 2, a seguir, traz a página 51 do livro didático do 6º ano, da coleção “Geração Alpha Língua Portuguesa”. Nela, a Variação linguística e regional é trabalhada a partir da música e do texto jornalístico.

Figura 2: Variação linguística no livro didático “Geração Alpha Língua Portuguesa” 6º ano.



Fonte: Costa; Marchete (2018a, p.51).

A variação linguística na Figura 2 traz o estudo da música “Óia eu aqui de novo” escrita por Antônio Barros e interpretada por Luiz Gonzaga. A canção destaca a expressão da história e cultura nordestina “xaxar”, que surgiu de uma atividade do sertanejo e significa cavar a terra ou capinar.

Os autores da coleção utilizam como estratégia a interpretação com indagações para induzir o aluno a diferenciar termos que pertencem ou não à norma-padrão e seu significado. Posteriormente, com a leitura do texto “Brinquedos e Cantos infantis”, escrito em 1911 pelo Almanach do Tico-Tico, buscam incentivar o educando quanto ao entendimento das mudanças na escrita/grafia das palavras que se configuram como norma culta, ou seja, conforme o tempo vai passando também essas palavras caracterizadas como padrão vão se alterando.

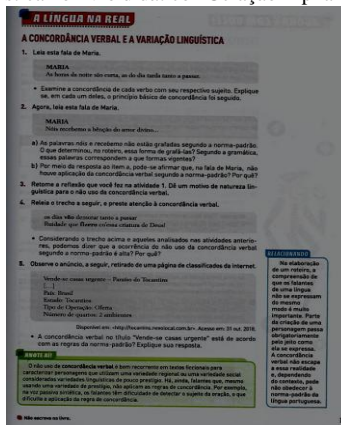
As atividades analisadas até o momento demonstram a preocupação dos autores com o entendimento do aluno sobre a variação

linguística e as diversas formas de falar uma mesma língua. Nesse sentido, as definições apresentadas nos lembretes da seção “Anota aí” contribuem justamente para explicar esses conceitos, incluindo a variedade regional e seu papel significativo na caracterização dos personagens de um texto literário, de modo a utilizar como estratégia um conto literário.

## 5.2. Análise de dados do livro didático: 9º ano

No livro didático do 9º ano da coleção “Geração Alpha Língua Portuguesa”, a variação linguística é trabalhada na Unidade 5, no capítulo 1, com o título “A língua na real: a concordância verbal e a variação linguística” (página 169); e na unidade 6, o capítulo 1 com o tema: “A língua na real: a Regência verbal: norma e variações” (páginas 202 e 203). A figura a seguir descreve cada proposta e sua abordagem.

Figura 3: Variação linguística no livro didático “Geração Alpha Língua Portuguesa”9º ano.



Fonte: Costa; Marchete (2018d, p.169)

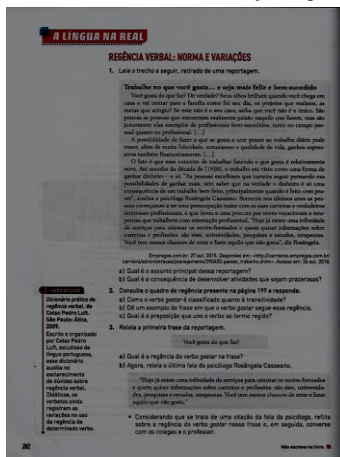
Na seção do livro didático, conforme figura 3, na página 169, a discussão sobre concordância verbal e variação linguística parte de fragmentos de frases com falas de personagens e de um anúncio, retirados de um classificado da *internet*. Com o objetivo de instigar a reflexão do aluno sobre a correta concordância entre o verbo e seu respectivo sujeito, todas as palavras utilizadas nas frases estão escritas na

norma padrão, já que, em alguns exemplos, sua grafia segue a variação linguística regional e cultural.

Os pequenos textos e os direcionamentos para estudo apresentados na seção analisada levam à compreensão de que a variação linguística compromete a concordância verbal em muitos casos, principalmente quando contam com personagens caracterizados pelas diferenças regionais e sociais. Dessa forma, o livro caracteriza esse cenário como variante linguística de pouco prestígio, marcada pela falta de concordância verbal; os lembretes escritos pelos autores, ao final da seção “Anota aí” e “Relembrando”, ajudam na compreensão dessas concepções.

A seção finaliza a reflexão destacando a Regência verbal, como se evidencia na figura a seguir.

Figura 4: Variação linguística no livro didático “Geração Alpha Língua Portuguesa”9º ano.



Fonte: Costa; Marchete (2018d, p. 202).

Como apresentado da figura 4, o título da seção: “Regência verbal: norma e variação” sugere o desenvolvimento do conteúdo de Regência verbal, a partir da análise da norma e variação. Na página 202, o livro traz um trecho de uma reportagem intitulada “Trabalhe no que você gosta e seja mais feliz e bem-sucedido”, com cunho motivacional. Essa reportagem visa novamente ao uso correto das normas da regência em um espaço que deveria ser destinado às discussões sobre variação linguística.

### **5.3. Discussão dos resultados**

A coleção “Geração Alpha Língua Portuguesa”, destinada aos anos finais do ensino fundamental, está entre as 6 obras aprovadas pelo PNLD, por ter cumprido várias exigências do MEC, inclusive no que se refere às necessidades e orientações descritas na BNCC. O Guia analisa essa coleção como contextualizada, a partir de uma dinâmica textual para discutir questões sociais, com interação entre o estudante e sua família, escola, mercado de trabalho e a mídia como forma de comunicação. Entretanto, mostra-se tradicional pela preocupação direta com os termos metalinguísticos e conceitos da gramática normativa (Cf. BRASIL, 2020).

Para Santos *et al.* (2015), o estudo da língua não pode ser constituído somente de uma estrutura autônoma, deve ser considerado seu contexto social, cultural e histórico. O processo linguístico só passa a ter sentido para o aluno, quando ele entende todo o seu contexto. A preocupação demasiada da coleção analisada com as normas gramaticais para composição de palavras, frases e textos literários não contribuem no entendimento da importância da variante regional e social, como identidade da sociedade e representação cultural.

A escola tem a função de debater questões que auxiliem a abolir qualquer tipo de discriminação. Na concepção de Labov (2008 [1972]), a variação e mudança linguísticas têm relação direta com a vida social da comunidade. Essa interação estabelece padrões linguísticos variáveis fruto da estrutura social, o que justifica sua valorização enquanto representação social. Assim, a diversidade linguística deve fazer parte do currículo da educação básica, como fator relevante para acabar com o preconceito linguístico existente na sociedade. Segundo Bagno (2006), utilizar livros didáticos que classifiquem o uso da língua apenas em “certo” ou “errado”, pela gramática e dominação, é uma maneira de estigma, que incentiva a intolerância e a falta de respeito em relação às variantes linguísticas.

Nesse contexto, o livro didático como recurso pedagógico deve trabalhar a variação linguística para incentivar a reflexão do aluno e discussão em sala de aula, numa proposta contínua. Ao contrário do que encontramos na coleção, esse assunto só é proposto em pequenas seções dos livros do 6º e 9º ano do Ensino Fundamental, sendo que poderia ser trabalhado em todas as séries, relacionado a outros conteúdos e de uma forma mais abrangente, possibilitando uma aprendizagem dinâmica e

contextualizada, como orienta a BNCC (2017). Como patrimônio cultural, as implicações da linguística ainda são desconhecidas por grande parcela da população brasileira. Nesse sentido, a escola tem o dever de utilizar estratégias para apresentar e valorizar as diferenças, por meio de situações e atitudes humanas que implicam na compreensão do uso linguístico.

Em relação ao processo educacional de língua portuguesa, Bortoni-Ricardo (2004) defende que o livro didático tem ignorado a diversidade linguística existente, as aulas acabam sendo limitadas ao estudo da gramática normativa, com o objetivo de apenas “corrigir” o português, sem levar em conta a sua dimensão como agente social.

Na coleção analisada neste estudo, essa situação não é diferente, os autores até utilizam textos literários e informativos para trabalhar os conteúdos, que poderiam incentivar a reflexão sobre questões sociais e culturais, necessárias à formação humana do educando. Contudo, no estudo de variação linguística, as obras não exploram esses recursos para conscientização do papel das variantes linguísticas na composição e valorização da identidade de um povo, mas o contrário. Tais obras demonstram apenas uma preocupação com a consolidação de competências e habilidades voltadas à grafia pela norma padrão, classe gramatical, concordância verbal, regência verbal, significado de palavras e expressões usadas pelas variantes regionais, sociais e como influenciam na caracterização de um personagem literário.

Portanto, a coleção analisada ainda segue a proposta do ensino e aprendizagem repudiada por Bagno (2007), com “velhas opiniões formadas” e métodos tradicionais que contribuem para o estudo da gramática normativa, sem considerar que o uso da língua falada ou escrita deve estar pautada no equilíbrio entre a adequabilidade e a aceitabilidade. Além disso, a coleção não contribui para que a educação cumpra seu papel, no que se refere ao preconceito linguístico, ao contrário do que propõe Bortoni-Ricardo (2004), ao afirmar que a escola preocupada com a realização do processo de sociolinguística, não pode simplesmente buscar a estruturação da língua padrão ou sua defesa como única forma de comunicação, mas deve possibilitar estratégia para construção e reconhecimento do papel social das variantes linguísticas, para cada sujeito e grupo que pertence.

## **6. Considerações finais**

Com o desenvolvimento do estudo, foi possível alcançar seu principal objetivo: analisar as formas de abordagem da variação linguística nos livros didáticos da coleção “Geração Alpha Língua Portuguesa”, dos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano). No entanto, essa temática só é abordada nas obras do 6º e do 9º ano; as demais não trazem esse conteúdo nem de forma implícita ou mesmo relacionadas a outros conteúdos, sendo possível a análise apenas dos livros didáticos das séries citadas.

A coleção analisada não possui uma estrutura organizada e completa. As explicações de conteúdo e recursos que contextualizam o assunto são lançadas no meio das atividades, o que confunde e dificulta o entendimento do aluno. Diferentemente de outros livros didáticos que primeiro trabalham o tema e utilizam estratégias para facilitar o reconhecimento da sua relação com a realidade, somente depois propõem atividades para consolidar as habilidades e competências esperadas.

Diante disso, de modo geral, na coleção analisada, a variação linguística é pouco trabalhada e explorada. O conteúdo segue uma proposta amparada em parâmetros antigos, com opiniões retrógradas e pré-estabelecidas, além de métodos que demonstram preocupação apenas com o estudo da estruturação da gramática normativa. Dessa forma, na coleção, não se considera o que define a BNCC para o ensino fundamental: priorizar a necessidade do trabalho pedagógico voltado ao reconhecimento, valorização da diversidade linguística e sociolinguística, como fruto das questões sociais, com o propósito de conscientização e diminuição do preconceito linguístico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. Norma linguística & preconceito social: questões de terminologia. *Veredas: Revista de estudos linguísticos*, v. 5, n. 2, Juiz de Fora, 2001.

\_\_\_\_\_. *A língua de Eulália*: novela sociolinguística. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BELINE, R. G. C. SOUSA, M. M. F. *A variação linguística no livro didático*: um olhar sob a perspectiva sociolinguística. Piauí: Instituto de Educação Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI). 2013.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

\_\_\_\_\_. Análise e diagnose de erros no ensino da língua materna. In: \_\_\_\_\_. *Nós chegemos na escola, e agora?* Sociolinguística e Educação. São Paulo: Parábola, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Curricular Nacional Comum-BNCC*, Brasília-DF, 2017. Disponível em: <http://basenacional.comum.mec.gov.br/#/site/inicio>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. *Guia do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)*. 2020. Disponível em: [https://pnld.nees.ufal.br/assets-pnld/guias/Guia\\_pnld\\_2020\\_pnld2020-lingua-portuguesa.pdf](https://pnld.nees.ufal.br/assets-pnld/guias/Guia_pnld_2020_pnld2020-lingua-portuguesa.pdf). Acesso em 29 de março de 2021.

COAN, M. FREITAG. R. M. K. F. Sociolinguística variacionista: pressupostos teóricos metodológicos e propostas de ensino. *Revista Eletrônica de Linguística*, v. 4, n. 2, 2º Semestre 2010.

COELHO, P. M. C. R. *O tratamento da variação linguística no livro didático de português*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007. 162f.

COSTA, C. L. MARCHETE, G. *Geração Alpha Língua Portuguesa*. Ensino Fundamental: anos finais: 6º ano. São Paulo: Edições SM, 2018a.

\_\_\_\_\_. *Geração Alpha Língua Portuguesa*. Ensino Fundamental: anos finais: 7º ano. São Paulo: Edições SM, 2018b.

\_\_\_\_\_. *Geração Alpha Língua Portuguesa*. Ensino Fundamental: anos finais: 8º ano. São Paulo: Edições SM, 2018c.

\_\_\_\_\_. *Geração Alpha Língua Portuguesa*. Ensino Fundamental: anos finais: 9º ano. São Paulo: Edições SM, 2018d.

DIAS, P. M. C. R. *Contribuições da Sociolinguística educacional para materiais de formação continuada de professores de Língua Portuguesa*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília. 2011.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec/ABRASCO, 1992.

NUNES, S. N. CAMPOS, C. M. A variação linguística na linguagem oral e escrita. *Caderno PDE*. O professor PDE e os desafios da escola pública Paranaense, v. 1, 2010.

OLIVEIRA, L. C. O. CYRANKA, L. F. M. Sociolinguística educacional: ampliando a competência de uso da língua. *Revista Soletas*, n. 26. 2013.

PEDREIRA, C. W. J. PEDROSA, J. L. A variação linguística nos livros didáticos do ensino fundamental II. *Revista Tabuleiro de Letras (PPGEL, Salvador, on-line)*, v. 13; n. Especial, dezembro de 2019.

RAZKY, A. FEITEIRO, S. R. Sociolinguística e Livro Didático: uma análise exploratória. *Estud. Ling.*, n. 18/1, p. 309-32, Londrina, jun. 2015.

SANTOS, S. SANTANA, J. L. SANTANA, A. L. F. A variação linguística e o preconceito linguístico no âmbito escolar. *9ª Fórum permanente de inovação educacional*. 2015.

SGARBI, N. M. F. Q. RONCÁLIA, F. L. *Sociolinguística educacional: teoria e prática nas aulas de língua portuguesa*. UNIGRAN. 2016.

SOUZA, J. A. S. A variação linguística no livro didático: entre a invisibilidade e o tratamento adequado. *Web-Revista SOCIODIALETO – NUPESD / LALIMU*, v. 11, n. 31, jun 2020.